

## **Gramaticalização dos juntores “ainda”, “assim” e “logo”: um estudo da variedade mato-grossense do português brasileiro**

*Grammaticalization of “ainda”, “assim” and “logo” as linking words: a study on the variety of the mato-grossense Portuguese*

Lúcia Regiane Lopes-Damasio

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil.

luregiane@assis.unesp.br

Grasiela Veloso dos Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil.

grasinhavs@hotmail.com

**Resumo:** Este estudo aborda os itens *ainda*, *assim* e *logo*, em *corpus* de cartas escritas na Capitania de Mato Grosso por pessoas ligadas ao governo local e ao clero, em meados do séc. XVIII até início do XIX. Fundamentado em pressupostos da gramaticalização, via análise quantitativa e qualitativa, objetiva dialogar com os resultados de outras pesquisas de mesma natureza (LONGHINTHOMAZI, 2006, 2005, 2004; LOPES-DAMASIO, 2011a, 2011b, 2008), que focalizaram os mesmos itens, em outras variedades linguísticas do português brasileiro. O estudo: (i) confirmou a trajetória de mudança dos itens focalizados – advérbio > juntor > marcador discursivo (MD) –, com mudanças semânticas que apontam para um ganho de abstração e pragmática; (ii) permitiu constatar uma recorrência expressiva de usos ambíguos / não prototípicos, associados a contextos que favorecem os diferentes caminhos de mudança, na relação entre Fonte e Alvo; e, por fim, (iii) revelou as cartas mato-grossenses como um ambiente linguístico-discursivo que favorece a captação da gradualidade da mudança linguística que faz emergir itens mais gramaticais.

**Palavras-chave:** gramaticalização; junção; base adverbial.

**Abstract:** This study approaches the items *ainda* (yet), *assim* (so) and *logo* (then), in *corpus* of letters written in the Captaincy of Mato Grosso by people who were connected to the local government and to the clergy, from mid-18<sup>th</sup> century to early 19<sup>th</sup> century. Based on presuppositions of Grammaticalization, quantitatively and qualitatively analyzed, it aims at finding a connection with results of other researches that belong to the same nature (LONGHIN-THOMAZI, 2006, 2005, 2004; LOPES-DAMASIO, 2011a, 2011b, 2008), and which focused on the same items, in different linguistic varieties of the Brazilian Portuguese. About the study: (i) it confirmed the trajectory of changes of the items we focused on – adverb > linking word > discourse marker (MD) – with semantic changes that indicate certain gain of abstraction and pragmatic; (ii) it allowed us to find some expressive recurrence of ambiguous / non-prototypical usages, associated with contexts that advantage the different forms of change in the relation between Source and Target; and (iii) it revealed these mato-grossense letters to be a linguistic-discursive environment that supports gradualness of linguistic changes that allows more grammatical items to emerge.

**Keywords:** grammaticalization; junction; adverbial basis.

Recebido em: 28 de janeiro de 2015.

Aprovado em: 19 de junho de 2015.

## 1 Introdução

Neste trabalho, investigamos os itens *ainda*, *assim* e *logo*, a partir dos pressupostos da gramaticalização (GR), via análise quantitativa e qualitativa, subsidiada pelas frequências *token* e *type* (BYBEE, 2003), com o objetivo de estabelecer um diálogo com resultados de outras pesquisas de mesma natureza (LONGHIN-THOMAZI, 2006, 2005, 2004; LOPES-DAMASIO, 2011a, 2011b, 2008), que focalizaram os mesmos itens, em outras variedades e recortes temporais do português brasileiro (PB).

O *corpus* do trabalho, coletado no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (MT), no Arquivo Público de MT e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (RJ), compreende a edição de 45

cartas manuscritas na Capitania de MT, por pessoas ligadas ao governo local e ao clero, em meados do séc. 18 até início do 19,<sup>1</sup> e apresenta conteúdos diversos, com destaque para a atuação do clero nessa região e outros fatos cotidianos.

Desenvolvemos o texto em três partes: (i) apresentação do quadro teórico; (ii) descrição e análise dos usos de *ainda*, *assim* e *logo*, levando em consideração estudos etimológicos e de sua descrição funcionalista já existente, em direção a uma análise pormenorizada de seus usos, em cartas mato-grossenses; (iii) sistematização dos principais resultados analíticos e, por fim, as considerações finais.

## 2 Quadro teórico: abordagem da mudança linguística via GR

A GR pode ser concebida como modelo conceitual / paradigma ou processo. Enquanto modelo conceitual, é definida como a parte do estudo da linguagem que focaliza o modo como formas / construções gramaticais surgem, são usadas e formam a língua. O modelo da GR relaciona-se com questões de discretude entre os limites categoriais e interdependência entre estrutura e uso, fixado e menos fixado na língua (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 1). Segundo Heine (2003, p. 578), em GR, a motivação para os processos é o sucesso da comunicação. Para isso, uma estratégia sobressalente é o uso de formas linguísticas associadas a significados concretos / acessíveis e / ou delineáveis, para expressar conteúdos menos concretos / acessíveis e/ou delineáveis. Assim, expressões linguísticas lexicais ou menos gramaticais são pressionadas a servir à expressão de funções mais gramaticalizadas.

---

<sup>1</sup> Frente à dificuldade da pesquisa diacrônica, optamos por privilegiar, nesse *corpus* (constituído de 22.500 palavras, aproximadamente), uma sincronia (diferente da atual), a fim de captar, nesse recorte temporal, os usos e funções dos itens destacados, capazes de refletir traços do período estudado e da mudança em processo. Não se trata, portanto, de um estudo que pretende mostrar a mudança na passagem de um século a outro, por meio de um *corpus* “pretensamente equilibrado”, mas de um estudo que busca, num recorte temporal, captar, a partir dos textos selecionados, uma variedade de usos e funções que aponta mudanças em relação ao que se conhece de recortes temporais anteriores e posteriores – via pesquisas etimológicas e outros estudos dos mesmos itens.

Portanto, GR é também um processo, por meio do qual expressões de significados concretos são usadas para codificar significados gramaticais, abstratos, unidirecionalmente. Contextos e construções específicos são requeridos para que a GR ocorra, por isso, a GR, como teoria, está também interessada no ambiente pragmático e morfossintático em que a GR, como processo, ocorre.

Enquanto processo, podemos considerá-la a partir de uma perspectiva *diacrônica*, que focaliza relações entre fonte, percurso e meta; *sincrônica*, que focaliza a fluidez dos padrões linguísticos, com base em enfoques pragmático-discursivo e sintático; ou *pancrônica*, caracterizada pela interdependência entre *sincronia* e *diacronia*, em que subjaz o “método de reconstrução interna” (TRAUGOTT, 1982): sincronicamente, sentidos adjacentes são também diacronicamente adjacentes, de forma que sentidos que são fonte de polissemia / ambiguidade, na perspectiva sincrônica, serão fonte de derivação na diacrônica.

Heine (2003, p. 578-579) menciona quatro mecanismos inter-relacionados na GR, cuja combinação caracteriza-a: dessemantização (*bleaching*): perda de conteúdo semântico; extensão (generalização contextual): uso em novos contextos; recategorização: perda e ganho de propriedades morfossintáticas das formas fontes; erosão: perda de substância fonética e / ou morfológica. Embora alguns desses mecanismos envolvam perdas de propriedades, há também ganhos: do mesmo modo que os itens linguísticos em GR perdem em substância semântica, morfossintática e fonética, também ganham em propriedades de seus usos em novos contextos (HEINE, 2003, p. 579). Existem, portanto, ganhos que podem contrabalançar suas possíveis perdas de propriedades, ou seja, ao requerer contextos específicos, a GR deve ser descrita também como produto de inferências e enriquecimento pragmático, implicaturas conversacionais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 163-177) ou reinterpretação induzida pelo contexto. Nessa direção, enquanto alguns casos de GR caracterizam-se por esse balanceamento entre perdas e ganhos, intrínseco ao próprio processo, outros caracterizam-se por ganhos, devido à persistência de traços do item fonte no alvo (HOPPER, 1991), a depender da natureza pragmática,

morfossintática, semântica e fonética das categorias envolvidas (cf. LOPES-DAMASIO, 2008).

Considerando-se essa definição, destacamos alguns princípios importantes da GR, discutidos na literatura linguística (cf. KORTMANN, 1997; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 1995; HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991):

- (i) as categorias são consideradas não discretas, apresentando uma heterogeneidade estrutural interna (camadas centrais – periféricas), ligada a postulados básicos da linguística cognitiva, como a noção de *continuum* ou *cline*, que, metaforicamente, é um arranjo linear que apresenta pontos focais, nos quais características categoriais do fenômeno podem agrupar-se e, ao longo do qual, toma espaço a ilustração didática de processos de transição / mudança e aumento de gramaticalidade, numa perspectiva diacrônica e sincrônica, respectivamente;
- (ii) a visão pancrônica, frequentemente adotada nos estudos tipológicos e de semântica cognitiva, transcende a dicotomia saussuriana *sincronia vs. diacronia*. Em relação à conjugação das perspectivas, diacronicamente, a GR é um processo que transforma lexemas em formas gramaticais e formas gramaticais ainda mais gramaticais. Sincronicamente, permite a organização de usos / padrões em ordem crescente de gramaticalidade;
- (iii) o processo de GR, como é concebido e definido tradicionalmente, procede ao longo de um caminho como o hipotetizado por Givón (1979, p. 209): DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO. A esse caminho, acrescentamos a noção de gramática emergente de Hopper (1991) e a ideia de fortalecimento pragmático, correspondente às mudanças semânticas que resultam na convencionalização de implicaturas conversacionais (cf. TRAUGOTT, 1982, 1989, 1995, 1999, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; e TRAUGOTT; HEINE, 1991). Ou seja, a

- circularidade do caminho proposto por Givón sugere uma noção de gramática em constante “fazimento”,<sup>2</sup> resultante de usos linguísticos específicos, empregados em contextos específicos, e que podem se convencionalizar com o tempo;
- (iv) na mesma direção de Coseriu (1979), Lehmann (1995) afirma que, em GR, não se buscam as causas da mudança, mas suas possibilidades e modalidades, mediante as necessidades expressivas dos falantes;
  - (v) a polissemia representa outra aceitação teórica crucial nos estudos, sendo vista como consequência natural para a determinação do grau de GR de itens / construções. É metodologicamente essencial assumir a polissemia, em GR, se existe uma relação semântica plausível, quer a forma pertença à mesma categoria sintática ou não;
  - (vi) associando os pontos de (i) a (v) com semântica cognitiva, metáfora e metonímia são reconhecidas como os dois principais processos, respectivamente, cognitivo e pragmático, motivadores das mudanças semânticas em GR.

Kortmann (1997, p. 17-18) enfatiza a importância da semântica cognitiva como fonte de inspiração para estudos baseados na GR e destaca o conceito de *semantic relatedness*, fundamentado na descrição da polissemia, mudança semântica observável e ambiguidade pragmática, em termos de processos cognitivos fundamentais para comunicação e percepção humana de mundo (cf. também SWEETSER, 1990, p. 1-5). Nesse domínio, estudos interlinguísticos são relevantes para reunir evidências e estabelecer relações semânticas, principalmente aquelas promovidas pelo exame interlinguístico de estruturas polissêmicas, seguido pela análise da mudança semântica, com o objetivo de constatar quais sentidos frequentemente dão origem a sentidos posteriores no tempo. A hipótese subjacente é de que essas evidências constituam o “Princípio de Produtividade”, cujo método correspondente é o da “reconstrução semântica interna” (TRAUGOTT, 1982), já mencionado.

---

<sup>2</sup> Emprestamos esse termo e sua significação de Coseriu (1979).

Em relação aos juntores de base adverbial, esse princípio ilustra-se por desenvolvimentos semânticos como: “Simultaneidade > Concessão”, “Anterioridade > Causa” ou “Posterioridade > Preferência”, observáveis em um grande número de línguas (KORTMANN, 1997). Traugott e König (1991) fornecem exemplos do inglês com base nos casos de *while*, *since*, *before* ou *rather than*. Muitas dessas mudanças semânticas podem ser vistas como consequências de inferências pragmáticas que têm se convencionalizado, mas que podem ainda permanecer como leitura opcional em determinada sincronia.

Considerando-se essa caracterização geral da GR como processo / paradigma teórico em relação com a semântica cognitiva, apresentamos as motivações cognitivas e comunicativas, vinculadas às mudanças metafóricas e metonímicas.

## 2.1 Mudanças metafóricas e metonímicas em GR

Os estudos em GR que focalizam a mudança semântica do CONCRETO > ABSTRATO por conta de motivações cognitivas e comunicativas são mais recentes se comparados àqueles que priorizam o enfoque na mudança categorial (predominantes até 1980). Enquanto as motivações cognitivas, relacionadas especialmente à metáfora, atuam na resolução de problemas na dimensão lexical / etimológica, as comunicativas, relacionadas à metonímia, atuam na tensa relação entre informatividade e relevância, existente na dimensão discursivo-textual.

A metáfora supõe a direcionalidade da transferência de um significado mais concreto para um mais abstrato, por meio de processos analógicos e icônicos que levam de um domínio cognitivo a outro, promovendo a especificação de algo mais abstrato e, portanto, mais complexo, em termos de algo menos abstrato e complexo, não presente no contexto, num processo paradigmático (p. ex.: ESPAÇO > TEMPO). A metonímia indica relações contextuais, permitindo que um significado seja especificado em termos de outro presente, explícita ou implicitamente, no contexto, e induzindo a reinterpretação mediante implicaturas conversacionais que podem se convencionalizar, via processo sintagmático de reanálise (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE *et al.*, 1991).

Destacamos o caráter discreto da metáfora, numa abordagem mais distanciada, em diferentes domínios cognitivos (cf. o *cline* ESPAÇO > TEMPO > TEXTO), face ao caráter contínuo da metonímia, numa abordagem aproximada, em movimentos contíguos que operam na transição de um domínio cognitivo a outro, contemplando transferências graduais, com etapas de sobreposição que caracterizam estágios de ambiguidade (A / B), em que o mesmo item apresenta traços de seu sentido menos e mais gramatical. Nesse modelo metafórico-metonímico (HEINE *et al.*, 1991), atuam forças pragmática e cognitivamente motivadas, que fazem emergir significados e funções que se sobrepõem numa estrutura em cadeia (metonímia) e que relacionam domínios cognitivos (metáfora). Propomos, nesse viés, que a metáfora corresponde ao processo motivador das relações cognitivas, em macronível, no sistema semântico interoracional, enquanto a metonímia responsabiliza-se por relações comunicativas em micronível, no interior de um mesmo sistema interoracional, ambas, de forma unidirecional.

Inferência pragmática e implicatura conversacional, envolvidas na metonímia, relacionam-se a falante e ouvinte e ao princípio do menor esforço. Essas estratégias determinam que o falante implique mais do que afirma, sob a determinação de não dizer mais do que o necessário, e que o ouvinte infira mais do que é afirmado, sob a expectativa de que o falante quer dizer mais do que é dito e que, portanto, é necessário incluir todas as implicaturas possíveis, a fim de extrair o máximo de significado da mensagem. Por esse caminho, um significado que não estava inicialmente presente numa forma pode se tornar inerente a ela como resultado de uma implicatura convencionalizada (BYBEE, 1994, p. 285-288).

Hopper e Traugott (1993, p. 75) destacam o papel da frequência e do contexto no processo de convencionalização de implicaturas. Para os autores, se alguma condição é preenchida frequentemente quando uma dada categoria é usada, num dado contexto, desenvolve-se uma forte associação entre “condição” e “categoria”, de forma que a condição torna-se inerente ao significado da categoria, via processo de motivação em que atuam, em competição, *expressividade e rotinização*.

## 2.2 A GR de juntores de base adverbial

O significado da GR para o desenvolvimento de juntores, pelas fontes adverbiais, é evidente, dado que um traço dos juntores é a polissemia e / ou a polifuncionalidade sintática. É típico que se desenvolvam – direta ou indiretamente – de membros de categorias lexicais tradicionais, correspondentes a palavras de conteúdo, integradas ao componente proposicional da linguagem, conforme ressalta Meillet (1912[1965]), quando afirma haver uma diversidade infinita de fontes para conjunções e que não há parte da fala que não possa originá-las (cf. KORTMANN, 1997, HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Mesmo que a classe de palavras fonte de juntores qualifique-se como uma categoria já gramatical, como advérbios, p. e., o desenvolvimento de juntores de base adverbial, sejam os paratáticos ou hipotáticos, os faz ainda mais gramaticais. O caminho percorrido, nesse desenvolvimento, é irreversível, por isso, unidirecional, no sentido de que juntores não desenvolvem usos como formas menos gramaticalizadas.

Nessa perspectiva, Kortmann (1997, p. 22) relaciona as pesquisas que demonstram o desenvolvimento de juntores de base adverbial, nos moldes da GR: (i) juntores causais, condicionais, concessivos e concessivo-condicionais (cf. TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HARRIS, 1988; KÖNIG, 1985); (ii) de participios e *serial verbs*, em línguas não-Europeias, para subordinadores adverbiais (cf. GIVÓN, 1975; KORTMANN, 1992; KORTMANN; KÖNIG, 1992); e (iii) complementizadores, subordinadores de propósito e/ou causais de verbos (cf. SAXENA, 1988; EBERT, 1991). Kortmann ainda afirma que relações interoracionais, como as expressas por esses juntores, podem ser arranjadas em um *cline* de GR, com diferentes graus de “informatividade” ou “riqueza semântica”, podendo ser vistas como um canal de inferências (cf. TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE *et al.*, 1991).

Assim, Concessão pode ser considerada mais gramaticalizada do que Causa ou Condição, essas últimas, como mais gramaticalizadas do que Tempo, e Tempo como mais gramaticalizado do que Espaço. Similarmente, também Modo em relação a Instrumento. Algumas das

evidências para tais caminhos podem ser encontradas na história, a partir de análises diacrônicas, das mudanças semântico-cognitivas e das informações sobre inferências pragmáticas, em dependência contextual.

Apresentamos, por fim, duas hipóteses, propostas por Kortmann (1997, p. 23), que serão adotadas neste trabalho: (i) a existência de graus de “informatividade” ou “complexidade cognitiva” inerentes às relações interacionais; (ii) a possibilidade de organização do espaço semântico de relações interacionais em macro e microestrutura, envolvendo relações interacionais cujos sistemas podem ser iluminados por modelos polissêmicos, sincronicamente, e por caminhos de mudança semântica, diacronicamente.

### 3 Os casos de *ainda*, *assim* e *logo*

#### 3.1 Da etimologia à descrição funcional

O item *ainda*, que, segundo a gramática tradicional (GT), exerce a função de advérbio com valor semântico de tempo, é formado pelo étimo *inde* + *ab* / *inde* + *ad*, contendo, portanto, o advérbio latino *inde*, que gerou o arcaico *ende*, ambos de valor espacial (VASCONCELOS, 1921).

O advérbio *assim* deriva do composto latino *ad sic*, em que *ad* exercia o papel de preposição com sentido de aproximação no tempo ou espaço, *em direção a* / *para* e reforçava formas adverbiais (*adpost*, *adpressum*, *adprope*) com valor de aproximação, direção e adição. *Sic*, advindo de *seic*, advérbio modal, correspondia a *dessa maneira*.

O item *logo*, segundo Ferreira (1983) e Cunha (1986), provém do latim *locus(i)* e era empregado para referir a espaço e tempo, bem como situação social, emprego, ponto, questão, matéria, assunto e capítulo (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 94). Tradicionalmente, é definido como conjunção coordenativa conclusiva, que liga, à anterior, uma oração que exprime conclusão / consequência, podendo variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase (CUNHA; PEREIRA, 2008, p. 336).

Longhin-Thomazi (2004, 2005, 2006) e Lopes-Damasio (2008, 2011a, 2011b, em relação a *assim*), com base nos dados do século 18, identificaram diferentes usos desses itens, sistematizados no Quadro 1:

Quadro 1 – Usos, funções e categorias dos itens *ainda*, *assim* e *logo*

ITENS	USOS	FUNÇÕES		CATEGORIAS
AINDA	Temporais	Tempo continuativo		Advérbio
		Tempo futuro		Advérbio
	Argumentativos	Operador de inclusão	Neutro	Advérbio
			Argumento + forte	Advérbio
			Argumento +fraco	Advérbio
		Intensificador	Advérbio	
Lógico-discursivo	Junção concessiva		Juntor concessivo	
			Perífrase conjuncional	
ASSIM	Modal	Sinalização	extralinguística (situação)	Advérbio dêítico
			anáfora (texto)	Advérbio fórico
			catáfora (texto)	Advérbio fórico
	Lógico-discursivo	Junção	Conclusiva	Juntor coordenativo
			Temporal	Perífrase conjuncional
			Comparativa	Perífrase conjuncional
			Aditiva	Perífrase conjuncional
			Conformativa	Perífrase conjuncional
		Contrastiva	Perífrase conjuncional	
Discursivo	Modalizador epistêmico quase-asseverativo		Marcador discursivo	
LOGO	Espacial	Posição física, lugar		Substantivo
	Temporal	Posterioridade	em relação à situação comunicativa (referencialidade)	Advérbio dêítico
			em relação ao texto (construção textual)	Advérbio fórico
Lógico-discursivo	Junção conclusiva		Juntor coordenativo	

Fonte: compilação das autoras.

À luz dessa classificação, destacamos esses itens no *corpus* da pesquisa aqui apresentada, atentando para seus aspectos semântico-funcionais e categoriais.

### 3.2 Usos mais concretos: as fontes adverbiais

O uso temporal de *ainda* funciona como *marcador de tempo continuativo*, com formas verbais marcadas (particípio (1) e infinitivo (2)) e não marcadas (3), em que o item acrescenta noção de constância de um estado ou manutenção de algo que já está em andamento (parafraaseável por *até o momento / até então*):

- (1) Acanna *Excellentissimo Senhor* não te=|nho **ainda** acabado de móer por meter quebrado o emgenho [...] (Ms 19).
- (2) [...] e ter todo o conhecimento dos Seus Parochianos| existentes pelos Seus Citios, cujos dezobrigos **ainda** estavaõ por fazer| [...] (Ms 20).
- (3) No amplissimo Territorio da Jurisdicção de *Vossa Excellencia* es=| taõ Igrejas, *que* **ainda** pertencem a esta Dioceze do Rio [...] (Ms 21).

O operador argumentativo *ainda* funciona como *intensificador*, enfatizando uma ideia expressa em coocorrência com um advérbio ou partícula adverbial:

- (4) [...] he huma Camara de brejeiros, marotos, e mal criados.| 4º) que tornava [...] de tarde, | como quem **ainda** queria saciar mais o odio, evin=| gança [...].(Ms 33)

Os usos que sinalizam a adição de um novo tópico na argumentação envolvem operadores de inclusão que introduzem argumento mais forte ou mais fraco, conforme (5), introdutor de argumento mais forte (parafraaseável por *além disso*):

- (5) Os suca-|vadores que nomeei declararaõ de baixo de juramento serem parti-| veis taõ somente 12 Dattas, tendo tirado hum delles em hum bu-| raco de dez palmos em quadra *oito oitavas*, outro *sete quartos* em outro| semelhante; e outros *muito* pouco pela razaõ de ser o outro|de ((vieiro)) ou Caminho Com oqual não apertaraõ, certamente como| Creio, e he Costume, per não se quererem Cansar *muito*: oque| supposto **ainda** determinei que examinase o mesmo Descu-|bridor, e alguns dos Sucavadores os lugares Circunvizinhos,| que dizem tem a mesma formação [...] (Ms 17)

*Assim*, apresentado pela GT como advérbio de modo, que qualifica ações / processos ou estados, revela comportamentos que vão além dessa função de modificar as propriedades de verbos ou adjetivos. No *corpus* analisado, conforme Quadro 1, o item desempenha funções

modais fônicas, mais concretas, diferentemente da maior parte dos advérbios modais, que fazem parte de uma categoria não fônica. Apresenta, portanto, natureza pronominal em seu funcionamento de referenciador textual (NEVES, 2011, p. 242), realizando, em algumas ocorrências, referência anafórica (6) e catafórica (7), como elemento de coesão intratextual:

- (6) Fui Servido por resolução| de 20 do Corrente tomada em Consulta domeu Conselho Ultramarino que Sesuz| penda Logo o dito ouvidor actual Ioaõ Antonio Vaz Morilhas, ainda que| por qualquer incidente Sedillate, ou morra o novo ouvidor nomeado por mim,| o que **assim** o farey executar. (Ms 3)
- (7) Dezejando corresponder effectivamente aos desejos, com *que Vossa Excellencia*| se interessa pelo riquierimento dos officiaes da Camara de Matto Grosso,| naõ me he possivel mostralo **assim** na prezente Conducta. (Ms 25)
- (8) [...] Do Escrivão daCamara, pensão|que sou algum maroto, algum tratante, tratão-me de| bagatella ao que me respondeu **assim**= isso são couzas| do Escrivão= pois Vossas Mercedes, disse eu, não tem as Cart| as antes de as aSignar= tornou elle a mesma resposta| =isso são couzas do Escrivão= [...]. (Ms 33)

Retomando (7), o segmento *na prezente Conducta*, sinalizado cataforicamente por *assim*, completa a informação de que *Vossa Excellencia se interessa pelo riquierimento dos officiaese*. Em (8), preparando a inserção de um discurso direto, *assim* escopa a porção textual à sua direita, *isso são couzas do Escrivão*, sendo acompanhado pelo *dicendi* “respondeu”.

Em (9), o uso de *bem assim* atua na verificação, focalizando parte do enunciado que vem a seguir e colocando-a como foco da mensagem (NEVES, 2011, p. 240). O uso expressa, pois, uma espécie de averiguação do que já foi dito (as cobranças continuam da *mesma forma / igualmente* como ocorriam antes), daí a natureza comparativa da construção:

- (9) [...] ficou o Seo Casal onrado de Varias dependencias, e cobranças, as| sim como ja estava no tempo do falecimento de Sua Mae| e entre ellas **bem assim** saõ as Cobranças de Varios deve| dores na dita Villa de Matto Grosso [...] (Ms 23)

Quanto a *logo*, são frequentes seus usos, em cartas matogrossenses, como marcador temporal (parafraaseável por *em breve / em seguida*), que localiza um momento próximo ao presente, podendo marcar a posterioridade: (i) em relação à situação comunicativa (referencialidade) – advérbio dêitico<sup>3</sup> (10); ou (ii) no texto (textualidade) – advérbio fórico (11) e (12):

- (10) [...] Illustrissimo e Excellentissimo Senhor| Namonçaõ que prezentemente chegou ao Porto desta Villa Veyo na| Campanha de meo Sucessor [...]: E procurando eu **logo** a licensa que havia, me respondeo| que atrazia dentro em Sua Cartas para Vossa Excellencia, que agora havia de| levar mesmo ou remeter avista do que lhe expresses, as ordems| que tinha [...]. (Ms 6).

- (11) [...] medei por prezo por evictar du| vidas, e alguma grande revoluçaõ no Povo, por que o maiz delle estava Senti| do da Sem rezaõ que comigo Seobrava, taõ conhecida que **Logo** em poucos dias| Me mandou Soltar [...]. (Ms 1).

- (12) Em comprimento da respeitavel Portaria| de Vossa Excellencia, e Carta, que Recebi hoje com da| ta de 27 do Corrente mes **Logo** fis dar com| primento ao que nela Vossa Excellencia me ordenava [...] (Ms 34).

Em (10), ocorrem as seguintes expressões dêiticas, relacionadas à significação pragmática por refletir características de usos mais concretos: (i) *eu* indica o falante e *desta Vila*, o lugar que ocupa; (ii)

---

<sup>3</sup> Segundo Castilho (2010, p, 123), a *dêixis* é uma categoria semântica “que depende crucialmente da situação discursiva [...]”. Sua origem na palavra grega *dêiksis* exprime a ação de apontar, mostrar e indicar, correlacionada a algumas categorias cognitivas como pessoa, espaço e tempo.

*Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor* indicam o interlocutor; e (iii) *agora* indica uma expectativa temporal do discurso. O trecho “[...] e procurando eu logo a licença [...], ou seja, e procurando eu em seguida [imediatamente após a chegada do religioso] a licença” remete à situação extralinguística ancorada pelas expressões mencionadas. Enquanto as expressões em (i) e (ii) referem-se a dêixis de pessoa e espaço, a em (iii) e *logo* referem-se à sequência cronológica do tempo; *logo*, em relação ao tempo imediatamente após a chegada do religioso, e *agora* em relação ao tempo imediatamente após “encontrada a licença”.

Enquanto advérbio fórico, *logo* realiza sinalizações endofóricas, em usos catafóricos (11) e anafóricos (12), em que são visíveis a semântica temporal atrelada à sua atribuição fórica: em (11), ocorre uma especificação temporal – “logo quando?”, *em poucos dias*; em (12), ocorre o mesmo tipo de especificação, em relação a uma porção textual já apresentada, *hoje com data de 27 do corrente mês*. Assim, na sinalização endofórica, a porção textual recuperada pelo item é, por si só, responsável pela semântica temporal, com a qual se estabelece a relação com o item analisado, pautada por uma imediaticidade temporal.

### 3.3 Usos ambíguos: os contextos metafórico-metonímicos para mudança

Segundo Camacho (2001), uma palavra ou construção é ambígua quando apresenta dois ou mais valores semânticos ou ainda um único valor semântico, mas múltiplas funções gramaticais e / ou discursivas. Nessa direção, os contextos metonímicos relativos, inicialmente, a *ainda* envolvem casos de ambiguidade semântico-funcional, em que há um deslizamento não discreto, entre uma função semântica mais concreta e outra mais abstrata.

Os dados revelam ocorrências, como (13) e (14), em que podem ser constatados traços semânticos de dois dos usos adverbiais apresentados: temporal continuativo e argumentativo intensificador. Nessas ocorrências, a semântica temporal, por meio da paráfrase por *até mesmo*, verifica-se em um contexto marcado pela intensificação de  *muito* e *bem*, respectivamente:

- (13) [...] *para* o prover no Posto de Capitam mor à pezar do *grande* im-  
pedimento de sangue infecto, por ser Caburé, e da idade **ainda**  
*muito* | verde, para reger a humas pessoas taõ puras no sangue, e  
taõ| privilegiadas como saõ os Indios [...] (Ms 20)
- (14) [...] recomendou a viva| mente, que se amassem os irmãos huns  
aos outros,| com inteireza e amor da Religiaõ: que naõ desam|  
parassem os que não estivessem **ainda** bem firmes, e ins| truidos  
na Doutrina Evangelica [...] (Ms 25).

Em (13), o adjetivo *verde* permite compreender que o sujeito a ser provido ao posto de capitão-mor, até aquele momento, não tinha a idade para tal cargo, justificando a concepção de tempo continuativo, intensificada por *muito*. Também em (14), ocorre a mesma ambiguidade, nesse caso, expressa por *bem*, que intensifica uma situação que, ao mesmo tempo, sugere tempo continuativo.

Em (15), *ainda* aparece numa relação de contiguidade entre as acepções temporal e contrastiva, marcadas por outros recursos linguísticos, como *mesma ocasião* e *apesar de*.

- (15) [...] e Como os Mineyros Estavaõ chegar teria com elles; e ao  
Co=| mandante da Villa de Borba Escrevia para bem da Sua a  
Comodaçaõ, ins=| tou que queria hir naquella mezma oCaziaõ  
**ainda** apezar de qual quer| inComodo [...] (Ms 5).

Como *operador de inclusão de argumento mais fraco*, *ainda* apresenta-se apenas em usos ambíguos com a acepção de *tempo*, conforme (16), em que a conjunção *nem*, somada a *ainda*, funciona, com acepção negativa, na adição de um argumento mais fraco, numa escala argumental que aponta para uma mesma direção (NEVES, 2011, p. 755). Por sua vez, a acepção temporal é marcada, no enunciado, também por *agora*. Mais uma vez, *ainda* ocorre em contiguidade com itens que garantem acepções diferentes, impossibilitando sua leitura em relação a apenas uma delas, dado que pode estar enfatizando a leitura de operador de inclusão, incidindo sobre *nem*, ou a temporal de *agora*:

- (16) [...] mandei vizitar as Suas Igrejas| e pedi as informações, de *que* necessitava e a *Vossa Excellencia* mesmo Se\ra cons| tante o infelís exito de semelhante Vizitaçãõ, da qual| nem **ainda** agora tenho podido conseguir saber sua rezulta. (Ms 22).

Em (17) e (18), apresenta-se uma nuance condicional-concessiva, em contextos de emergência de *ainda* concessivo. Em (17), além da condicional presente no contexto – marcada por *se* –, a concessão da oração iniciada por *ainda* poderia ser parafraseada por *mesmo se*, focalizando a condicional *se* pelo item *mesmo* e mostrando a proximidade das leituras condicional e concessiva nesse contexto. Em (18), *ainda*, diretamente contíguo a *se*, permite o mesmo tipo de paráfrase:

- (17) [...] e, como se esta| sua aferçaõ não fora já hú dezacato, **ainda** só conside| rada relativamente a mim, pasou a encher a morada dos| seos desvarios [...] (Ms 37).
- (18) Estimo, *que* o Padre Domingoz daSilva Xa| vier **ainda** se pudesse se aproveitar das Beneficencias de| *Vossa Excellencia* assim elle se saiba regular *para* o futuro [...] (Ms 22).

Em (19), constatamos uma ambiguidade entre a relação concessiva e a inclusão de argumento mais fraco: o correlato linguístico *nem* corrobora a leitura de *ainda* como operador de inclusão de argumento mais fraco, parafraseável por *ao menos*, e, no contexto, pode funcionar também em concordância com a leitura concessiva (“*nem mesmo*” a falar nele...).

- (19) [...] se eu tivesse as mesmas| ideas *que* agora tenho sobre o seu delicto, me não atreveria| nem **ainda** a fallar nelle a *Vossa Excellencia* [...] (Ms 16).

Em relação a *assim*, os contextos metonímicos envolvem casos de ambiguidade semântico-funcional e categorial, em que há deslizamentos não discretos: entre funções semânticas mais concretas e mais abstratas; e categorias gramaticais. Estão em jogo as funções fórica e juntiva de

*assim* e, semanticamente, suas acepções modal e conclusiva, em contextos específicos.

Em (20), o item remete anaforicamente a informações anteriores e à leitura de causa / consequência / conclusão, assumindo a noção de coordenação baseada em Bally (1965), que pressupõe uma concepção de oração desvinculada da representação sintática. Nesse caso, as orações equivalem a atos de enunciação que se bipartem em segmentos de importância comunicativa diferente: *tema* e *propósito*. O tema se refere ao ponto de partida ao qual é somado o propósito, centro de interesse da comunicação (BALLY, 1965). Dois enunciados se bipartem, pois, numa estrutura denominada C1 e C2 e são coordenados se C1 constituir um ato de enunciação independente e C2 completar o sentido de C1 (C2 = *propósito* de C1). C2, encabeçado por *assim*, conjuga a função de recuperar uma informação dada e predicar sobre ela, acrescentando informação nova. Nesse contexto morfossintático e funcional, em que o item assume posição inicial em C2, a emergência de sua acepção conclusiva e função conjunta é favorecida:

- (20) Dezejo de procurar noticias da saude de *Vossa Excelencia*, hé sempre| o primeiro objecto *que* me conduz a Sua Prezença: **assim** *Vossa Excelencia* as| possa dar tao boas como cordialmentelhe apeteço. (Ms 30).

*Assim* desempenha um movimento retroativo (C1 + *assim* C2), em que reitera C1 – a construção *Illustrissimo e Excelentissimo Senhor desejo de procurar noticias da saúde de Vossa Excelência, é sempre o primeiro objecto que me conduz a sua presença*, que constitui o tema, seguido pelo propósito: *assim Vossa Excelencia as possa dar tao boas como cordialmentelhe apeteço*. Os dois-pontos, nesse exemplo, reforçam a foricidade do item ao retomar anaforicamente o tema enunciado. Embora a natureza adverbial seja mantida, a posição já é a de seu uso como juntor coordenativo conclusivo.

Em (21), *assim* também apresenta uso modal, com sinalização textual anafórica, somado à possibilidade de leitura conclusiva, agora associada à coocorrência com o gerúndio (parafraseável por  *dessa forma / desse modo* e também *portanto*):

(21) Seos vaçallos não tivessem o recurço de Seos Soberanos que violencias não ex-| perimentariaõ dos Menistros poderozos, e mal intencionados, e principalmente nas=| conquistas, aonde as largas distancias os fazem absolutos, abrogando **assy** as juris| diçoẽs todas e dando intelligencias Sinestras ás Leys por que *para* adicizaõ fica Lon| ge a *Magestade* [...] (Ms 1).

Em (22), o mesmo contexto de (21) é marcado, especificamente, pelo verbo *ser* no gerúndio, seguido por *assim*. Para Lehmann (1988, p. 210-211) e LOPES-DAMASIO (2011a, p. 148), a construção, equivalente a *assim sendo*, é um “connective phrase” que correspondente a uma oração adverbial reduzida. Nela, se considerarmos a elipse da forma verbal, também teremos *assim* desempenhando seu papel juntivo:

(22) [...] e fazendo com *que* a resposta chegue| a tempo ou de eu evitar os ditos festejos com o nome de *Vossa Excellencia* ou| de os disfarçar, sendo **assim** do agrado de *Vossa Excellencia* para o que tomo| o expediente de não fazer saber a pessoa alguma. (Ms 16).

Em (23), a ambiguidade está associada às funções anafórico-modal de *assim* e juntivo-conclusiva de *e*, que desempenha o papel juntivo prototípico, no complexo. Por meio da reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia), compreende-se a transferência funcional entre os itens em questão:

(23) [...] por rezaõ doCargo menaõ podia prender, *quando*| pudesse havia ser elle empessoa, por eu ter oforo defidalgo daCasa de*Vossa Magestade*| elle memandou dizer, que *Ssim* podia **eaSsim** medei por prezo por evictar du| vidas, e alguma grande revoluçaõ noPovo [...] (Ms 1).

Os casos de ambiguidade relativos a *logo* envolvem aspectos semântico-funcionais e categoriais, relacionados a seus usos temporais, em contextos de ambiguidade entre as funções dêiticas e fóricas, e seus usos adverbiais e juntivo, em contextos de ambiguidade categorial.

Ressaltamos ainda um contexto que favorece a reanálise entre os usos adverbial e perifrástico, envolvendo manutenção de sua aceção temporal e mudança de fronteiras sintáticas.

Ocorrências como (24) revelam uma ambiguidade entre dois usos adverbiais de *logo*, enquanto marcador de tempo posterior:

- (24) Há dois mezes que recebi a Carta d'Oficio, emque Vosa|Excelencia houve por bem participar-me, que já tinha nomea-| do Capelaõ Militar do Quartel General ao Reverendo IozeRoíz| Pereira; eque precisava de mais outroSacerdote para ser ocupa-| do em outra Capelania Militar, epara aqual podia servir| o Reverendo Iezuino Teixeira de Carvalho; pelo que me Ordenava| fizese eu o competente avizo a este Sacerdote, pará que se-pozése| **logo** a caminho para esa Vila Capital, para preencher o| indicado fim. (Ms 7).

No exemplo, a função é dupla, dêitica e fórica, mas o sentido é um só, de tempo, garantido pela marcação temporal, realizada pela oração *Há dois mezes que recebi a Carta d'Oficio* e pelo próprio *logo*, que também apresenta valor dêítico, por fazer referência a um tempo posterior à situação comunicativa (*pelo que me ordenava fizese eu o competente avizo a este Sacerdote, para que possesse logo a caminho*). Em todos os usos desse tipo, o valor semântico de *logo* indica uma sequência de acontecimentos no tempo, localizando posterioridade próxima ao presente, com sentido de *em breve / em seguida*, em contextos linguísticos em que essa marcação temporal é realizada em outras porções textuais.

Não foram encontradas ocorrências de *logo* como juntor conclusivo prototípico. Esse uso, parafraseável por *portanto / por conseguinte*, conforme Longhin-Thomazi (2004), data do séc. 14, embora a autora tenha encontrado suas primeiras ocorrências prototípicas no séc. 16, como mostra (25), ou seja, em período anterior ao do *corpus* investigado aqui. Isso indica que, apesar de mais difundidos a partir do séc. 17, esses usos não são recorrentes nas cartas examinadas, que somente revelaram usos ambíguos, semelhantes ao encontrado no século 14 pela autora:

- (25) (...) e que isto seja verdade se vee acerca de nos, e muito mais acerca dos Indios se põe pera leuantar o membro, e elles o tem muito em vsô: **logo** não vem a proposito pera a deminuiçam do coito vsar o tal çumo (16CSD, p.19).

Em (26), *logo* possui acepção de tempo posterior, com função dêitica, que aponta a posterioridade em relação à situação comunicativa, em contexto com sinalização de tempo (*do ano próximo passado*), em que é possível ainda inferir uma relação conclusiva. Trata-se, portanto, de ocorrência dêitico-fórica com traços conclusivos, em que a ambiguidade de *logo* é semântico-funcional e categorial: ao mesmo tempo, o item sinaliza tempo, conforme seu uso adverbial, e remete à leitura conclusiva (parafraaseável por *portanto*), principalmente se considerarmos o juntor *e* que coocorre no contexto. A coordenação conclusiva, estabelecida por *e*, favorece a leitura coordenativa-conclusiva de *logo*, mais abstrata e gramaticalizada que a temporal, num caminho produtivo de mudança semântica via reinterpretação induzida pelo contexto:

- (26) Os *officiaes* de Justiça que devem Donativos do anno proximo| passado pediraõ espera athe o fim do Corrente Mez para os| pagarem: e porque executando os naõ cobraria mais depressa| concedilhe adita espéra e **logo** pelo *primeiro* portador idoneo| farei remessa do que cobrar, que creio todos pagaraõ. (Ms 29).

A ambiguidade desse contexto subsidia a emergência do uso juntivo de *logo* advindo de sua base temporal (fórica e dêitica). Apresenta-se, dessa forma, uma construção em que o item atua numa construção de implicação (Se *P logo Q* / Se *P, portanto Q*), como as descritas por Longhin-Thomazi (2004), na qual *P* atua como argumento para conclusão em *Q*. Pelo seu caráter temporal e, concomitante, pela possibilidade de leitura conclusiva, captamos a gradualidade da mudança propiciada pelo contexto, em que a ambiguidade é o gancho para a descategorização do advérbio a juntor.

Em (27), *logo* atua como marcador de tempo, com função dêitica:

- (27) [...] huma das principaes virtudes de Vossa Excellencia| hera a Clemencia, e acontevaõ por certa desde **logo** que| a sorte permittisse a felis occasiaõ de relançarem a ospés| de Vossa Excellencia. (Ms 43).

Contiguamente ao item, apresenta-se a conjunção subordinativa circunstancial temporal *que* e tempos verbais no passado, ilustrando um contexto de reanálise, que origina a perífrase, conforme Longhin-Thomazi (2004). Nesse caso, *logo* e *que* podem pertencer a orações distintas, o que é corroborado pela coocorrência de *desde*:

[e acontevaõ por certa *desde logo*] [**que** a sorte permittisse]

[e acontevaõ por certa (*desde*)] [**logo que** a sorte permittisse]

*Que*, pronome relativo, quando acompanhado de nomes e advérbios de tempo, equipara-se a *quando* ou *em que*. Segundo Bechara (2009), *que* é um transpositor relativo que funciona como um “repetidor” de advérbio. Na ocorrência, a circunstância de tempo é marcada por *desde logo* e retomada, em seguida, por outra construção de valor temporal *quando a sorte permitisse*. “A sentença temporal tem a propriedade de qualificar de alguma forma a relação de posterioridade sinalizada por *logo*” (LONGHIN-THOMAZI, 2004, p. 5), nesse caso: “*Logo quando? Logo que a sorte permitisse*”. Segundo a autora, como já sinalizamos, a perda de fronteira entre os constituintes ocasiona a mudança, originando a perífrase temporal.

### 3.4 Usos mais abstratos: as metas de natureza conjunta

Entre os usos mais abstratos de *ainda*, estão os que o item, sozinho ou em perífrases, atua na junção de orações e / ou porções textuais maiores. Trata-se de usos lógico-discursivos, que, em contextos apropriados, habilitam leituras contrastivas e / ou concessivas, numa escala crescente de complexidade cognitiva (KORTMANN, 1997) e na categoria *qualidade* (HEINE *et al.*, 1991), como em (28), juntor concessivo prototípico, parafraseável por *mesmo*:

- (28) Provisão porque se mandou que Se Suspendesse O-| Ouvidor do Cuyabá Ioam Antonio Vaz Morilhas **ainda**| no Cazo de Se dilatar ou morrer o Ouvidor que de novo fosse| nomeado. (Ms 3).

Nessas construções, a manobra argumentativa apresenta uma objeção presumida como sendo do ouvinte ou da opinião pública e que logo é descartada, fazendo prevalecer o que está expresso na oração núcleo (LONGHIN-THOMAZI, 2005, p. 1365). Por isso, as concessivas apresentam um forte teor dialógico, conforme Neves (2006, p. 233): previsão de objeção + reconhecimento do peso da objeção + prevalência do ponto de vista do falante / escrevente, como em (28), em que o fato de “ser o Ouvidor morto” não é causa suficiente para se deixar de “suspender o Ouvidor de Cuiabá”. Embora reconhecida, essa objeção não evita que prevaleça o ponto de vista do escrevente, codificado na oração núcleo. Percebe-se que a expectativa abre o valor concessivo e gera uma contra-causa e que os juntores concessivos são marcados por uma condição inoperante / insuficiente em que o sentido que se espera é o de negar, contrariar ou contrastar. Por isso, a relação concessiva, também chamada de causa frustrada, às vezes é enquadrada junto às adversativas / contrastivas.

Em (29), exemplificamos o uso contrastivo da perífrase *ainda assim*, parafraseável por *apesar disso*, que, argumentativamente, funciona como partícula de reforço contrastivo, em contexto contrário ao primeiro segmento, em que ocorre a asseveração: *que o reconhecimento das virtudes é dito por todos*:

- (29) [...] na| certeza, de que hé hua prova de reconhecimento das virtu|des deVossa Excellencia, que constantemente ouço a todos, que tem a fe|licidade de conhecerem nesse paíz: e que **ainda assim**| naõ he das mesmas intençoens affligir taõ bem a Vossa Excellencia [...]. (Ms 28).

Em (30) e (31), ilustramos, respectivamente, usos não prototípicos e prototípicos de *ainda que* concessivo:

- (30) [...] mas pouco tempo depois rom| peuse a noticia de que o mesmo Capitam mor se hia queixar à| Vossa Excellencia naõ só do

Vigario mas de mim tambem, o que **ainda que**| não quiz acreditar em toda sua extensaõ, com tudo remettido| huma ordem [...] (Ms 20).

- (31) [...] os porcos revolverão a mes|ma ((terra)) e o Adro ficou com insupportavel fetido,|vendo eu isto fui ter com o Reverendo Senhor Vigario para |mandar cobrir a dita Sepultura com mais terra|**ainda que** a mesma ficace fora do nivel de *primeira* de bem pilada, para assim evitar a exhalação|putrida, o que logo feito, ficou remediado o mal [...].(Ms 44).

Sintaticamente, a construção, em (30), não pode ser considerada prototípica, devido a seus aspectos morfossintáticos: verbo *querer*, no pretérito perfeito do indicativo, em vez do imperfeito do subjuntivo; *acreditar* no infinitivo e, em seguida, a expressão com verbo no particípio *com tudo remetido*, que deveria figurar-se como *remeto*. Apesar dessa morfossintaxe, os traços semânticos de contrastividade ainda são verificados na construção. A prototipicidade de (31), além da simultaneidade de dois eventos, fatos ou situações que geram algum estranhamento / contraste, é reforçada pelos aspectos morfossintáticos esperados.

Por sua vez, os usos prototípicos mais abstratos de *assim*, no *corpus*, são os que o item, na configuração de perífrases, junta orações e / ou porções textuais maiores, paratática ou hipotaticamente, a depender da perífrase resultante. Trata-se de usos lógico-discursivos, que, em contextos apropriados, habilitam leituras aditivas, comparativas, temporais ou contrastivas, numa escala crescente de complexidade cognitiva (KORTMANN, 1997), de acordo com as categorias modo, tempo e qualidade, respectivamente.

Para exemplificar, partimos da junção com acepção temporal, em que a perífrase hipotática *assim que*, parafraseável por *logo que*, indica sequência imediata de ações:

- (32) **Assim que** no dia des do corrente abrimos-|em Camara a carta de Vossa Excellencia datada de Vinte e quatro do-| proximo Setembro nos deregimos com ella cheio do=| mayor prazer ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo. (Ms 41).

No início de oração, *assim que*, conforme LOPES-DAMASIO (2011a), determina a localização temporal da situação descrita na principal, funcionando como adjunto temporal. O verbo, em (32), no pretérito perfeito do indicativo, revela a culminação de eventos que denotam acontecimento, ação ou movimento num determinado momento no tempo. Esse uso, pouco recorrente, não foi constatado nos dados do séc18 (a única ocorrência, em (32), é do séc. 19), o que pode ser justificado pelo uso abundante no período, na variedade pesquisada, de *logo que*, substituindo *assim que*, na indicação de tempo imediato.

Na perífrase comparativa *assim como*, *como* exerce a função de comparação hipotática, sendo reforçado pela partícula correlativa *assim* (SAID ALI, 1966, p. 145). Nesse domínio, destacam-se dois tipos de comparativas: correlativas e não correlativas. Primeiramente, segue ocorrência que exemplifica as comparativas não correlativas:

- (33) [...] eu assevero com verdade, que **assim como** sou fa=| cil em confessar a culpa que reconheço, **igoalmente** e com a=| mesma facilidade, confessaria a que ignoro, e a respei=| to da qual me julgo innocent. (Ms 33).

A comparativa é iniciada pela locução comparativa de igualdade, *assim como*, em Q (Q = oração comparativa; P = principal / nuclear). Em construções desse tipo, não é possível a inversão da ordem de P e Q: em (33), a comparativa (Q) é anteposta a P; em P, *igualmente* enfatiza a comparação e a elipse de *culpa* torna inapropriada a inversão da ordem sintática sem a alteração de parte da estrutura.

Construções comparativas correlativas, por sua vez, segundo Neves (2011, p. 898), apresentam oração principal e comparativa (segundo termo da comparação, de mesma natureza que o primeiro). Na linha de LOPES-DAMASIO (2011b), esse tipo de comparativa codifica exclusivamente a igualdade, via implicação de uma adição correlativa, do tipo *não só... mas também*. São esperadas, pois, as comparativas que apresentam elementos de inclusão, em P (como *também*, *assim também* etc.), e a conjunção prototípica *como* precedida pelo indicador fórico modal *assim* (*assim como*), em Q, conforme (34). Em (35), apresenta-se

a correlativa de termos, com a locução disjunta (*assim...como...*) e, em (36), a de sintagmas (SPrep):

- (34)[...] *que* revestidas| do receyo senão Concluaõ Com aquella ponderaçãõ permittida| aos cazos, e **assim Como** são os Contractos deste Sennnado *que* se| achãõ Como Onus de naõ serem rematados sem apermisãõ| do dito Ouvidor Geral Me quer, **como tãobem** não permittir o mes-| mo *que* Te façãõ obras publicas Como erecçãõ de Fontes [...] (Ms 2).
- (35) pois a fũa dos fugidos os que|naõ andaõ estaõ furtando **aSim** porcos|**como** cabras, e gualinhas dentro do Arraial [...] (Ms13).
- (36) Eu nunca deixo de padecer molestias **assim** no corpo, **como** no espiri-|to [...] (Ms 45).

Na parataxe ou coordenação aditiva, *assim como* se apresenta de forma mais neutra do que nas comparativas (cf. LOPES-DAMASIO, 2011b). Em (37), adiciona uma informação: além do recibo entregue ao Provedor também foram entregues duas guias, sendo possíveis a inversão da ordem das orações e a paráfrase por *e também*:

- (37) O mesmo entregou hum|recibo de Gregorio *Pereira* de Souza, por onde comta haver re-|cebido do procurador daquele seis Guias, que devem alguns |Negociantes dessa Capital para cobralos, cujo recibo remeto ao *Doutor*| Provedor, **assim como** duas Guias que o mesmo Moura [...] (Ms 29).

A análise das comparativas permite a seguinte sistematização, reforçando LOPES-DAMASIO (2011b): (i) as comparativas não correlativas são interdependentes e binárias; (ii) as aditivas articuladas por *assim como* são independentes e enerárias; e (iii) as comparativas correlativas são dependentes e binárias. Graças à redundância entre comparação e adição, o valor aditivo pode ser depreendido em todas elas, em graus diferenciados, ou seja, mais fortemente nas coordenadas e mais opacamente nas correlativas mais prototípicas, do tipo (iii).

Em (38), a acepção conclusiva é garantida por *e*, e somada à contrastiva, expressa por *assim mesmo*, no âmbito paratático. Além da

leitura modal (*do mesmo modo*), os itens *assim* e *mesmo* podem formar uma locução juntiva, permitindo leitura contrastiva, que se dá pela situação não esperada / incompatível em Q, não correspondente à situação factual / verdadeira em P:

- (38) [...] aliaz naõ os desobri|gueis da Quaresma; e**assim mesmo** Commutais em igual|quantia, as promessas das Ladaÿnhas em Leomil|a Nossa Senhora da saude [...] (Ms 26).

Por sua vez, em usos mais abstratos e prototípicos, *logo*, sozinho e / ou em perífrase, junta orações e porções textuais maiores em usos lógico-discursivos, que, em contextos apropriados, habilita leitura temporal (KORTMANN, 1997; HEINE *et al.*, 1991).

A articulação de *logo* + *que* reflete um processo antigo de criação linguística, que atrela a partícula *que* a palavras de várias categorias e forma novas construções com função juntiva, como as já apresentadas. Nas ocorrências abaixo, *logo que* possui valor temporal, destacando acontecimentos anteriores, numa sequência imediata de ações, com tempos verbais no passado:<sup>4</sup>

- (39) O mesmo Capítam mor facultou Licença há| poucos mezes a hum Antonio Luiz para arrancharse e plan-| tar Com dous escravos nos mattos da Missaõ, prohibindo-lhe| *que* me desse parte disso, pena de ser Lançado **logo que** o fizesse [...] (Ms 20).

Completando os usos temporais, apresentamos a única ocorrência de *logo* com acepção de tempo imediato, frequente em seus usos perifrásticos:

- (40) [...] vendo eu isto fui ter com o Reverendo Senhor Vigario para |mandar cobrir a dita Sepultura com mais terra|ainda *que* a mesma ficace fora do nivel de *primeira*|de bem pilada, para assim evitar a exhalação|putrida, o que **logo** feito, ficou remediado o mal [...] (Ms 44).

---

<sup>4</sup> Não foram encontradas ocorrências de *tanto que* com acepção temporal, o que evidencia que, nesse período, a partir do século XVIII, na variedade pesquisada, o uso temporal de *logo que*, amplamente recorrente, já havia suplantado o de *tanto que*.

Em (40), *o que logo feito* sintetiza o contexto de tempo simultâneo, ou seja, a ação acontece (cobrir a sepultura) num ponto do futuro próximo, a fim de evitar a exalação pútrida da sepultura.

#### 4 Algumas sistematizações

Todos os usos, funções e categorias dos itens investigados, à luz dos estudos de Longhin-Thomazi (2004, 2005, 2006) e LOPES-DAMASIO (2008, 2011a, 2011b), apresentam-se elencados, dos mais concretos aos mais abstratos, no Quadro 2:

Quadro 2 – Usos, funções e categorias dos itens investigados em cartas mato-grossenses

(Continua)

ITENS	USOS	FUNÇÕES		CATEGORIAS	
AINDA	Temporais	Tempo continuativo	Com formas verbais marcadas e não marcadas		Advérbio
			Não prototípico	tempo + intensificação tempo + contraste	Advérbio
	Argumentativos	Operador de inclusão	Argumento mais forte		Advérbio
			Não prototípico	argumento mais fraco + tempo argumento mais fraco + concessão	Advérbio
		Intensificador	Prototípico		Advérbio
			Não prototípico	intensificador + tempo continuativo	Advérbio
	Lógico-discursivo	Junção contrastiva	Prototípica e Não prototípica		Perífrase conjuncional
		Junção concessiva	Prototípica e Não prototípica		Juntor
			Prototípica e Não prototípica		Perífrase conjuncional
	ASSIM	Modal	Sinalização	anafórica (texto)	
Sinalização anafórica em posição C2				Advérbio fórico	
catafórica (texto)				Advérbio fórico	
Não prototípica				sinalização anafórica (texto) + junção com aceção conclusiva	Advérbio fórico + juntor coordenativo conclusivo
Locução adverbial comparativa ( <i>bem assim</i> )				Locução adverbial	
Lógico-discursivo		Junção	Temporal		Perífrase conjuncional
			Comparativa		Perífrase conjuncional
			Aditiva		Perífrase conjuncional
		Contrastiva		Perífrase conjuncional	

(Conclusão)

ITENS	USOS	FUNÇÕES		CATEGORIAS	
LOGO	Temporal	Posterioridade	Em relação à situação comunicativa (referencialidade)		Advérbio dêitico
			Em relação ao texto (textualidade)		Advérbio fórico
			Não prototípica	referencialidade + textualidade	Advérbio dêitico-fórico
			Não prototípica	referencialidade + textualidade + conclusão	Advérbio dêitico-fórico + juntor
			Tempo imediato	Perífrase conjuncional	

Fonte: compilação das autoras.

Na Tabela 1, visualizam-se as frequências *token* e *type* dos itens analisados, com destaque, em cinza, para os usos ambíguos / não prototípicos:

Tabela 1 – Frequência *token* e *type* dos itens analisados  
(VA= Valor absoluto/P=Porcentagem)

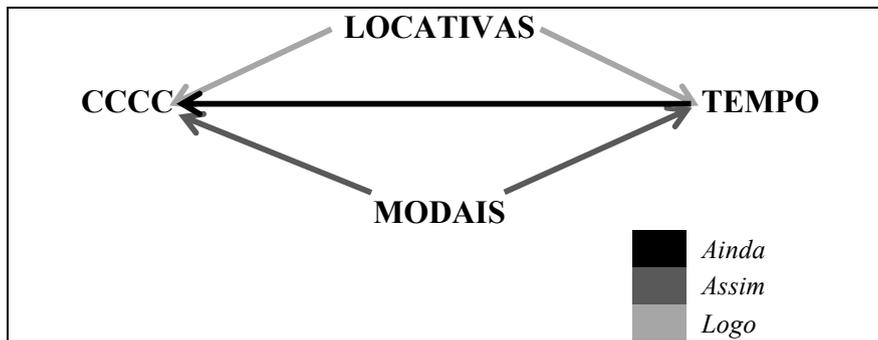
Itens	Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
AINDA	29 (100%)	11		
		<b>Usos</b>	<b>Funções</b>	<b>VA e P</b>
		Temporais	Tempo Continuativo (T1)	7 (24,13%)
			Tempo continuativo + intensificador (T2)	2 (6,88%)
			Tempo + contraste (T3)	1 (3,44%)
		Argumentativos	Operador de Inclusão de argumento mais forte (T4)	1 (3,44%)
			Operador não prototípico de Inclusão de argumento + fraco (T5)	3 (10,32%)
			Intensificador (T6)	1 (3,44%)
		Lógico-discursivos	Perífrase contrastiva (T7)	2 (6,88%)
			Juntor de concessão (prototípico) (T8)	4 (13,76%)
			Juntor de concessão (não prototípico) (T9)	3 (10,32%)
Perífrase concessiva (prototípica) (T10)	5 (17,2%)			
Perífrase concessiva (não prototípica) (T11)	1 (3,44%)			
ASSIM	47 (100%)	10		
		<b>Usos</b>	<b>Funções</b>	<b>VA e P</b>
		Modal	Sinalização anafórica (texto) (T1)	16 (34,04%)
			Sinalização anafórica em posição C2 (T2)	5 (10,63%)
			Sinalização catafórica (texto) (T3)	2 (4,25%)
			Não prototípica: sinalização anafórica (texto)/ junção com aceção conclusiva (T4)	6 (12,76%)
			Locução adverbial comparativa ( <i>bem assim</i> ) (T5)	1 (2,12%)
		Lógico-discursivos	Junção com aceção temporal (T6)	1 (2,12%)
			Junção com aceção comparativa (T7)	10 (19,14%)
			Junção com aceção aditiva (T8)	3 (6,38%)
			Junção com aceção contrastiva (T9)	3 (6,38%)
LOGO	33 (100%)	7		
		<b>Usos</b>	<b>Funções</b>	<b>VA e P</b>
		Temporais	Advérbio dêitico (T1)	10 (30,30%)
			Advérbio fórico (T2)	6 (18,18%)
			Não prototípico: dêitico-fórico (T3)	4 (12,12%)
			Tempo imediato (T4)	1 (3,03%)
			Não prototípico: dêitico-fórico e juntivo (T5)	3 (9,09%)
			Perífrase temporal (T6)	8 (24,24%)

Fonte: as autoras.

Para a sistematização desse estudo de GR, enquanto paradigma, que mostra como o processo de GR atua, o Quadro 2 e a Tabela 1 apontam funções associadas a categorias em que os itens com significados mais concretos são usados para codificar significados mais abstratos e gramaticais, de forma unidirecional. Nesse processo, a perda de conteúdo semântico e propriedades morfossintáticas das categorias e usos fontes, acompanhada de ganhos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos, correspondentes às categorias e usos alvos, como os empregos dos itens em novos contextos, permitem associar a GR a produtos de inferências e enriquecimento pragmáticos e reinterpretação induzida pelo contexto, nos moldes de Hopper e Traugott (1993).

A polissemia, identificada nos usos ambíguos / não prototípicos, atua na determinação do grau de GR dos itens e ilustra o “princípio de produtividade”, a partir do “método da reconstrução semântica interna”, em trajetórias de desenvolvimentos semânticos a partir do esquema de Kortmann (1997):

Esquema 1 – Trajetórias de desenvolvimento semântico



Fonte: KORTMANN (1997).

Segundo Kortmann (1997), as relações interoracionais podem ser arranjadas em um *cline* de GR que identifica diferentes graus de enriquecimento semântico, vistos como canais de inferências. Nessa direção, o Esquema 1 ilustra, de acordo com as hipóteses (i) e (ii) deste trabalho: (1) a organização do espaço semântico de relações

interoracionais em *macroestruturas*, indicadas pelos domínios das *locativas*, *modais*, *temporais* e *CCCC*, e em *microestruturas*, ilustradas, por sua vez, pelo domínio *CCCC*, que engloba, ainda numa escala de complexidade cognitiva crescente, as relações de *Causa*, *Condição*, *Contraste* e *Concessão*, sendo que *Causa*, por exemplo, engloba outras relações, como *causa-consequência*, *causa-efeito* etc.; e (2) também ilustra diferentes graus de complexidade semântico-cognitiva e canais de inferências inerentes às relações interoracionais: *locativas* > *CCCC* e *locativas* > *temporais*; *modais* > *CCCC* e *modais* > *temporais*; e *temporais* > *CCCC*. A organização do espaço semântico de relações interoracionais em macro e microestruturas, cf. (1) e (2), está pautada, como é visível, no princípio da unidirecionalidade.

As análises permitem identificar, no Esquema 1, as seguintes trajetórias que apontam a produtividade dos domínios alvos, *CCCC* e *tempo*:

Quadro 3 – Trajetórias em macro e microestruturas de *ainda*, *assim* e *logo*

MACROESTRUTURA	MICROESTRUTURA	ALVOS
<b>Tempo &gt; CCCC</b>	Concessão	<i>ainda</i>
	Concessão	<i>ainda que</i>
<b>Modal &gt; CCCC</b>	causa (causa-consequência)	<i>assim</i>
	Contraste	<i>assim mesmo</i>
<b>Modal &gt; Tempo</b>	Tempo imediato	<i>assim que</i>
<b>Locativo &gt; CCCC</b>	causa (causa-consequência)	<i>logo</i>
<b>Locativo &gt; Tempo</b>	Tempo imediato	<i>logo</i>
	Tempo imediato	<i>logo que</i>

Fonte: as autoras.

Para completar o Quadro 3 e o Esquema 1 correspondente, localizamos, em nível de microestrutura, as relações da perífrase comparativa *assim como*, em suas diferentes manifestações, que, conforme seus itens integrantes, não extrapolam o domínio Modal.

Os dados analisados permitem visualizar, portanto, a implementação entre os mecanismos metafóricos, que supõem o caráter discreto e a direcionalidade da transferência dos significados, e os

mecanismos metonímicos, que, complementando aqueles, indicam as relações contextuais, captando o caráter contínuo da mudança, conforme as indicações destacadas (em cinza) na Tabela 1.

## 5 Considerações finais

Os usos e funções dos itens destacados refletiram traços do período estudado, evidenciados pelas mãos dos escribas, e da maneira de escrever da época, por meio dos modelos textuais utilizados. A análise mostra que, dentro / entre dos / os períodos recortados, a mudança se consolida em seu tempo conforme as necessidades dos falantes / escreventes e, portanto, emerge por pressões comunicativas, em contextos específicos, que configuram a heterogeneidade e não estaticidade das línguas naturais.

No cotejo entre os resultados dos trabalhos de Longhin-Thomazi (2004, 2005, 2006) e LOPES-DAMASIO (2008, 2011a, 2011b), com os constatados na variedade mato-grossense, alguns pontos são ressaltados:

- (i) em relação a *ainda*: muitos usos observados no *corpus* mato-grossense confirmam os que Longhin-Thomazi (2005) destaca em seus estudos, como o de marcador de tempo continuativo, operador de inclusão, intensificador e juntor / perífrases juntivas de concessão. No entanto, algumas peculiaridades foram identificadas: além da apresentação de perífrases concessivas prototípicas (*ainda que*), coerentes às constatadas pela autora, verificou-se ocorrências não prototípicas, com aceção contrastiva (*ainda assim*). Quanto aos usos temporais, não foram encontrados os de tempo futuro, mas somente os que sinalizam tempo continuativo, somando-se também àqueles com aceção contrastiva. O operador de inclusão de argumento mais fraco *ainda* foi descrito, aqui, também em contextos ambíguos, com destaque para funções temporais e concessivas. Quanto ao aspecto argumentativo, foram encontradas ocorrências em que o item atua como intensificador de caráter ambíguo com a aceção de tempo continuativo, assim como o de juntor

concessivo, envolvendo condição no contexto, fato que revela indícios da emergência de sua aceção concessiva:

- (ii) em relação a *assim*: os dados revelaram aspectos congruentes aos das pesquisas realizadas por Longhin-Thomazi (2006) e LOPES-DAMASIO (2008, 2011a, 2011b), principalmente relacionados aos recorrentes usos fórico-modais, aos com função de juntor coordenativo não prototípico e aos perifrásticos de aceção temporal, comparativa, aditiva e contrastiva. A função *dêitica*, mais concreta, e de marcador discursivo intensificador não foram encontradas no *corpus*, devido às peculiaridades do material analisado (modalidade escrita); e
- (iii) em relação a *logo*: são congruentes com a pesquisa de Longhin-Thomazi (2004) as ocorrências em que o item estabelece relação temporal posterior (dêitica e fórica). Entretanto, não foram observados usos substantivos espaciais, que configuram, portanto, uma função em desuso no período histórico e na variedade analisada. Os dados também revelaram a perífrase temporal *logo que* e um contexto que ajuda a explicar sua emergência. Essa perífrase, na expressão de tempo imediato, revelou-se mais frequente do que a *assim que*, sugerindo que os usos desta são mais tardios, na variedade pesquisada. Para a ambiguidade funcional / categorial, não referendada nas pesquisas anteriores, de usos temporais, nos dêitico-fóricos, com encaminhamento para a leitura conclusiva, coocorre a conjunção *e*, que desempenha o papel juntivo, propiciando a leitura mais abstrata e gramaticalizada de *logo*, através da reinterpretção induzida pelo contexto (metonímia), via extensão de significados, baseada na contiguidade.

Nos usos ambíguos, em que os itens não se encaixam categoricamente em uma ou outra função, a atuação metonímica abre portas para a emergência e interpretação de mudanças. Nessa cena, o

contexto é fundamental para o estabelecimento categorial dos itens analisados, já que engendra o discurso e reflete-se em seus usos. Em tais contextos, chamados *bridging* (HEINE, 2003), as inferências realizadas pelo leitor permitem captar as propriedades e a gradualidade da mudança, mediante novas interpretações.

Em linhas de sistematização, o estudo proporcionou, no cotejo que estabeleceu entre resultados analíticos, em variedades distintas do PB, confirmar a trajetória de mudança dos itens focalizados, com a apreensão de mudanças semânticas que apontam para um ganho de abstração e pragmática, e, o que se releva como um resultado ímpar, permitiu constatar uma expressiva recorrência de usos ambíguos / não-prototípicos, intrinsecamente associados a contextos que favorecem diferentes caminhos de mudança, na relação entre Fonte e Alvo. Assim, as cartas mato-grossenses revelaram-se como um ambiente linguístico-discursivo que favorece a captação da gradualidade da mudança linguística que faz emergir itens mais gramaticais.

## 6 Referências

- ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4ª .ed. Berne: Éditions Francke, 1965.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (Ed.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.  
<<http://dx.doi.org/10.1002/9780470756393.ch19>>
- BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago / London: The University of Chicago Press, 1994.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, C.; PEREIRA, C. C. (Org.). *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

CUNHA, C. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A.G. *Dicionário latim-português*. Lisboa: Porto Editora, 1983.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.  
GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. CARVALHO, C. S. (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

SANTOS, G. V. dos. *Manuscritos mato-grossenses: da Filologia à Gramaticalização*. 2014. 363 f. Dissertação (Em Estudos de Linguagem) – Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 71-99.

<<http://dx.doi.org/10.1075/tsl.18.06har>>

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEF, B. D.; JANDA, R. *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.

<<http://dx.doi.org/10.1002/9780470756393.ch18>>

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English. Diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, v. 66, p. 1-19, 1985.

<[http://dx.doi.org/10.1016/S0024-3841\(85\)90240-2](http://dx.doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2)>

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. On Some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

<<http://dx.doi.org/10.1075/tsl.19.1.04hop>>

HOUAISS, A; VILAR, M. S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter, 1997.

<<http://dx.doi.org/10.1515/9783110812428>>

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. München, Newcastle: Lincom Europa, 1995.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de ‘assim’. *Estudos Linguísticos*, v. XXXV. São Paulo, p. 1772-1779, 2006.

\_\_\_\_\_. Um exemplo de (inter)subjetivização na linguagem: a reconstrução histórica de ‘ainda’. *Estudos Linguísticos*, v. XXXIV. São Paulo, p. 1361-1366, 2005.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre gramaticalização de conjunções na história do português. In: CONGRESSO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 6, 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: s. e., 2004.

LOPES-DAMASIO, L. R. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. 2011. 285f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011a.

\_\_\_\_\_. Assim, como estas, muitas outras questões interessantes e de actualidade ficarão pairando na dúvida: uma análise de *assim como* no domínio da junção. *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 13 (1), p. 167-205, 2011b.

\_\_\_\_\_. *A emergência do marcador discursivo “assim” sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*. São José do Rio Preto. 244f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. *Estudos Linguísticos*, Lisboa, v. 2, p. 41-60, 2008.

MEILLET, A. [1912] L' évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12, nº 26, 6. Reimpresso em A. MEILLET *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965.

NEVES, M. H. M. N. Gramática de usos do português. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990. <<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511620904>>

TRAUGOTT, E. Constructions in Grammatization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (orgs). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.

<<http://dx.doi.org/10.1002/9780470756393.ch20>>

\_\_\_\_\_. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott.html>>. Acesso em: 20 fev. 2004.

\_\_\_\_\_. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 12, Manchester, 1995. *Proceedings...* Manchester, 1995. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em: 20 fev. 2004.

\_\_\_\_\_. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, v. 65, p. 31-55, 1989.

\_\_\_\_\_. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982. p. 245-271. <<http://dx.doi.org/10.1075/cilt.24>>

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.)

*Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991. <<http://dx.doi.org/10.1075/tsl.19.1.10clo>>

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

VASCONCELOS, C. M. *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Editora Clássica, Lisboa, 1921.